

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET – FARMÁCIA UFPB)

Tutora: Profa. Dra. Leônia Maria Batista

**Bolsista: Larissa Ribeiro da Silva**

### **O Futuro da Humanidade - Augusto Cury**

Cem Anos de Solidão é um romance lançado no ano de 1967 sob a autoria de Gabriel García Márquez. Considerado sua obra prima, o livro desempenha importante papel no roll da literatura latino-americana e seu número de vendas chega a 50 milhões de cópias, refletindo sua relevância.

Nessa lógica, Gabriel José García Márquez é reconhecido como uma das maiores referências na literatura latino-americana. Nasceu na Colômbia no dia 6 de março de 1927 e, além de escritor, foi jornalista, editor e político. Consagrou-se no mundo literário pela criação de obras com excelente capacidade descritiva, sem abrir mão da fantasia, mas sempre expondo críticas ao meio social.

Além de Cem Anos de Solidão, García Márquez foi responsável pela criação de obras de grande relevância no ramo literário, como “O Amor nos Tempos do Cólera”, “Ninguém Escrive ao Coronel”, “O Outono do Patriarca” e “Crônica de uma Morte Anunciada”. O maior marco de sua carreira foi a conquista do prêmio Nobel de Literatura no dia 21 de outubro de 1982, além de ter sido laureado com o Prêmio Internacional Neustadt de Literatura em 1972.

Cem anos de solidão retrata a trajetória de vida dos Buendía. Os fatos iniciais envolvem uma disputa do apaixonado José Arcadio Buendía pela pureza de sua amada Úrsula Iguarán, contra um sujeito que difamava sua honra pela cidade. Essa investida culmina na saída do casal dessa localização e a caracterização deles como fundadores da cidade de Macondo.

Macondo é retratada como um paraíso protegido por vastas matas, elevadas formações rochosas e um extenso mar. Neste lugar, o casal formou sua família e se destacou pela capacidade de liderança dos demais residentes.

O sr. José Arcadio Buendía projeta-se como dotado de extrema curiosidade que o faz entrar em extensas abstrações; sua mulher, Úrsula Iguarán, é muito casta e digna de respeito. Em relação aos seus filhos, Aureliano Buendía imprime ao leitor a introspecção e indiferença, enquanto José Arcadio é retratado como altivo e rústico. A filha Amaranta é idealizada como louca de amor e Rebeca sempre com um estado de alma muito ermo. As cenas posteriores discorrem massivamente sobre a vasta árvore genealógica de descendência que se ramificou ainda mais a partir deles.

Neste sentido, percebemos nesses personagens a denúncia quanto à visão mágica do progresso e como este impactava na vida das pessoas, ora causando aversão e espanto, ora revelando um mundo com possibilidades infinitas. Na figura matriarcal, visualizamos a representação da fidelidade aos costumes, a benevolência da mulher e o seu espírito materno. Todavia, o autor foi visionário na obra ao expor uma mulher que se libertou da sua função preestabelecida pela sua sociedade e que foi capaz de conquistar independência, alcançar suas metas, superar seus limites e ser voraz em inspirar a quebra de paradigmas.

José Arcadio figura um homem levado pelo impulso de entregar-se à luxúria, ao passo que Aureliano Buendía simboliza o homem como fruto do ambiente em que vive, dotado de apatia tal qual persiste a calma em Macondo. Rebeca remonta ao mundo das noças que inspiram singeleza, bons modos e moldes para o casamento. Em contrapartida, Amaranta relembra o semblante impetuoso e breve das mulheres.

Além desse contrato social, o autor captura os fatos sociais que permeavam a América durante o início do século XX. Eles foram suscitados com sutileza e na naturalidade do enredo, sendo perceptível sua crítica vanguardista à igualdade de gênero, uma vez que Úrsula, mesmo casada, demonstra ímpeto em conduzir seu empreendimento comercial, tendo autonomia na independência financeira e nas relações conjugais, bem como na função de dona do lar.

Percebe-se, em certa instância, seu posicionamento sobre o determinismo do ambiente e a relação no comportamento humano, pois Aureliano Buendía demonstrava despreocupação devido às fraternas relações

com os moradores de Macondo, bem como a rotina pacata da cidade. Todavia, a desapropriação dessa realidade por meio dos comandos federais e a invasão do nascente coronelismo o fizeram responder com alteridade a essa situação desafiadora, resultando na sua afirmação como chefe dos guerrilheiros, uma força revolucionária contra a truculência do governo. Neste ponto, vale parafrasear Graciliano Ramos em São Bernardo: “A culpa é dessa vida agreste que me deu uma alma agreste”.

Isso estabelece direta relação com o cenário político nas Américas, tendo em vista o assolamento por governos autoritários, os quais repudiavam ostensivamente as reivindicações sociais. Dessa forma, desprende-se com ênfase a passagem em que o autor referencia alegoricamente o massacre real que aconteceu em seu país conhecido como o massacre das Brancas (sugerindo que a história perpassa a partir do início do século XX). Em nível nacional, o Brasil vivenciou esse mesmo tipo de conflito, tendo como exemplo a Revolução Farroupilha e a Guerra de Canudos.

Por fim, Garcia Marquez recheia o livro com alusões às crenças fortemente enraizadas nos povos americanos, que se tangem ao misticismo em cenários onde os personagens são assombrados por espíritos e acometidos por doenças severas em punição por atos profanos. Paralelamente, é evidenciada a sabedoria ancestral na utilização das plantas medicinais por meio da citação ao ruibarbo.

Além disso, nos impressiona a contemporaneidade desse tempo passado aos dias atuais. Nesse ponto, enfrentamos ainda a desvalorização do gênero feminino e a forte influência da realidade no comportamento humano, pois os indivíduos pertencentes às classes sociais em condição de vulnerabilidade dificilmente conseguem superar a falta de oportunidades e a desassistência de governos repressores às reivindicações da população por melhores indicadores em qualidade de vida.

Tantos simbolismos sobre a terra americana e o seu povo fluem com evidência a partir do próprio título que expressamente alude à família Buendía a sua sina de carregar consigo o inebriante sentimento de solidão. Assim, temos José Arcadio Buendía solitário em sua clausura mental; Úrsula em sua solidão

conjugal; Amaranta sozinha em seu celibato e Aureliano Buendía sem o aconchego de sua família. Tal qual a América, isolada por tanto tempo no que antecedeu o seu descobrimento; sozinha nos conflitos de seu povo, bem como nos costumes e crenças tal próprios de sua terra.

É importante evidenciar a necessidade de uma consulta previa à imersão em Cem Anos de Solidão, pois os Buendía possuem uma vasta descendência com indivíduos que atendem pelo mesmo nome, o que pode gerar confusão, de modo a facilitar a compreensão. Ademais, o livro instiga o leitor e prende a sua atenção para a continuidade ininterrupta da leitura, em virtude dos surpreendentes desfechos que surgem ao longo da narrativa.

PET - Farmácia